

CHEN SHAM, Jorge.  
*Nocturnos del mar  
inacabado.*

San José: Fundación Interartes, 2011.

---

Margareth Santos

Doutora em Literatura  
Espanhola, professora do  
Departamento de Letras  
Modernas da USP. Suas linhas  
de trabalho compreendem  
o exame das relações entre  
literatura, história e arte no  
século XX, tanto na Espanha  
como no contexto ibero-  
americano, na produção  
vinculada à Guerra Civil  
Espanhola e à pós-guerra civil  
espanhola.  
Contato: marsanto@usp.br

## Noturnos embalados pelos trópicos

Difícil falar de amor em tempos de vertigem. Mais difícil ainda quando se fala do amor como conceito, sentimento, representação e materialização. Seguindo por sinuosas e esmeradas sendas formais, o autor, Jorge Chen Sham, nos conduz por seu cadenciado percurso lírico. Para que possamos segui-lo, o poeta nos apresenta uma obra que aponta para três grandes pilares em sua construção: carne, natureza e conhecimento.

A partir desses três pontos cardeais, Jorge Chen traça seu itinerário rumo à verbalização do amor em suas diferentes formas: o amor feito carne, fusionado à natureza e racionalizado como forma de conhecimento.

Para trilhar esse difícil caminho, observamos que a obra se vale de inúmeros movimentos, como o do noturno que dá título à obra: seus versos revelam cadências ora cintilantes, ora lentas, ora estridentes. Em meio a esses distintos ritmos, seus poemas vão do erótico cortante, passam pelo resgate do amor cortês da tradição lírica espanhola, tocam em melodias que fundem o clássico e melancólico noturno de Chopin com as formas neobarrocas dos trópicos e alcançam uma pausa sustentada pelo exercício de conceituação racionalizada do amor.

Tais movimentos encontram-se assinalados, pois o autor divide sua obra em três grandes blocos ou deveríamos dizer andamentos: “la pausa, la estancia y la guerra”. Podemos seguir esses andamentos através de várias “notas”, todas convergindo para a representação do amor em suas diversas instâncias: temos imagens eróticas, doces, beligerantes, sinestésias olfativas e táteis, tudo envolto por um pujante campo semântico, colorido por um léxico que combina distintos tons, que vão do conciliatório ao agressivo, do íntimo ao conflitivo.

Inserido nesses andamentos, a voz do eu lírico surge ora como voyeur, ora como ser atuante, o que configura a representação do ato amoroso/erótico pela perspectiva do gozo estético, cuja concretização reveste-se de categorias abrangentes e amplas: visões trazidas da mística espanhola imiscuem-se a um erotismo dilacerante, roçam atos desmedidos e avassaladores. Tais visões, guiadas pela densa sinestesia marinha, revelam-se através de uma inusitada e sugestiva combinação, pois o lócus do poema, a paisagem marinha, encontra-se ambientada ao sabor dos trópicos, surgem de seus versos elementos de cor local: palmeiras, macacos, tartarugas e lagartixas confundem-se com figuras recuperadas da tradição latina. Imagens modeladas pelo uso do “voseo” local, revelando um exercício de erudição propositadamente aclimatado.

Por fim, desse belo exercício erudito e melódico de Jorge Chen, feito de movimentos retorcidos como os do ato amoroso, conservamos o som “contante e sonante” de seus versos, circunscrito em “horas caracolas”, espiraladas e ensimesmadas.